

JAZZ

28 MAIO 2015

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

LSB

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone tenor e clarinete Fredrik Ljungkvist
Contrabaixo Johan Berthling Bateria Raymond Strid

Qui 28 de maio
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

A esperança de Niels Bohr

LSB são, simplesmente, as iniciais de Ljungkvist, Strid e Berthling, os três membros desta formação cujo arranque ocorreu na década de 1990 e desde então tem tido uma existência intermitente. Aquilo que os mesmos fazem em outros grupos e projetos, nos intervalos de tempo em que o trio está dormente, conta, no entanto, para os seus ganhos de experiência. Quando regressa aos palcos, o que cada um traz consigo é aproveitado e assimilado. Ou seja, a fórmula LSB existe mesmo quando está ausente. É como diz Johan Berthling, o porta-voz: «O que tocamos em outros contextos, mesmo em termos estilísticos ou de género diferentes, é o que nos alimenta. Todos esses projetos inspiram-nos em diferentes níveis, mas simultaneamente. Motivamo-nos uns aos outros e novas ideias podem desenvolver-se. Até a terminologia “música improvisada” ou “música livre” não tem qualquer interesse para nós. O que realmente importa é sermos capazes de fazer algo que nos seja natural.»

Trata-se, pois, de uma cooperativa. Não há um solista propriamente, ainda que o saxofone de Fredrik Ljungkvist seja um instrumento melódico e pareça ocupar à partida essa função. Assim como não há uma secção rítmica de contrabaixo (Berthling) e bateria (Raymond Strid), apesar dos papéis formais que a estes são dados na linguagem do jazz. Tudo estes tentam para não desempenharem passivamente tal condição de acompanhamento. E se por vezes é isso mesmo que ouvimos, é para

que melhor se perceba de onde eles vêm e para onde querem ir.

«A História é importante para nós, mas sentimos que a música que fazemos representa o Agora. É uma manifestação do nosso interesse comum em falarmos musicalmente ou sobre música. Isso mantém-nos bastante ocupados, pelo que deixamos para os outros quaisquer considerações mais específicas, como saber qual é a nossa relação com o *free jazz* original ou seja o que for. Quem nos ouve é que pode tirar uma conclusão. Pode até achar que não é música, se o termo, quando aplicado a nós, lhe parece chocante», argumentam os LSB.

O ponto de partida é, de facto, o *free jazz*, tal como de resto atestam os temas por vezes incorporados no seu repertório de figuras iconográficas da tendência como Steve Lacy e Ornette Coleman. Mas não é o ponto de chegada. «Seja dentro das nossas zonas de conforto ou sem rede, o que tentamos é fazer o nosso melhor. E isso significa que em cada momento estamos a expandir o nosso vocabulário. Mesmo que os passos que damos nessa direção sejam curtos, é o que vamos verificando. Sem combinações prévias – acontece assim, apenas», explica Berthling. Mas não é isso, podemos nós perguntar, o que caracteriza o “som escandinavo”? Não propriamente, a acreditar nesta embaixada sueca: «O estilo nórdico de que tanto se fala não existe. E se existisse não nos sentiríamos identificados com tal coisa.»

Rebeldes a todas as causas, incluindo aquelas que abraçam («a música de que gostamos»), os LSB fazem questão

de nos trocar as voltas. Não sem que primeiro tirem o tapete de debaixo dos seus próprios pés. Por exemplo, Berthling é ainda mais conhecido nos meios do pop-folk-rock alternativo (foi um dos fundadores da banda de culto Tape e é um elemento-chave dos mutantes Fire! e Fire! Orchestra) do que nos da improvisação. Strid tem a constante tentação de sair das molduras do jazz para aterrar nos territórios não cartografados da experimentação. E há muito que observar em Ljungkvist, não obstante nos parecer que tem raízes firmadas na tradição do *hard bop*. Afirmo Berthling sobre aquele que é um dos mais importantes saxofonistas da atualidade nos países dos fiordes: «O Ljungkvist toca como o Ljungkvist, não como este ou aquele ou dentro de um subgénero definido. Oiço muitas músicas distintas nele: folclore sueco, Jimmy Giuffre, Archie Shepp e muito mais...»

O *free jazz* dos LSB é estranhamento melódico e *swingante*, precisamente as características que não identificamos com a *new thing* dos Sessentas. O mais surpreendente é, porém, que isso não seja intencional nem programático. «É o que resulta quando tocamos espontaneamente em conjunto», ficamos a saber. E o que resulta independentemente da estratégia escolhida, entre o improviso total, a utilização de composições próprias e a adoção de partituras de terceiros. «As nossas escolhas dependem unicamente do estado de espírito com que estamos. Ultimamente, temos optado mais pela primeira alternativa. Mas atenção: trabalhamos sempre com

o formato canção e os muitos anos que temos de rotação criaram uma linguagem que nós os três já falamos fluentemente, pelo que o improvisado pode parecer que foi composto», esclarece Johan Berthling.

Os LSB têm um som específico, «o mesmo som que logo encontramos no início e que vimos refinando aos poucos e poucos». Não é o que normalmente acontece: «Algumas outras bandas em que estou envolvido tiveram de trabalhar mais para encontrar o seu som, mas o importante é chegarmos lá. Conseguir um “efeito de grupo” é o que há de mais fundamental», diz o representante desta sociedade de iguais que, em 2015, vai lançar o seu terceiro disco. Três apenas em cerca de 20 anos, porque esta é uma música vocacionada, sobretudo, para as tábuas e para uma relação direta, presencial, com os ouvintes.

O propósito de criar música de hoje, mesmo que tal obrigue a um distanciamento do património firmado, implica que os LSB tenham uma agenda de inovação? A resposta não podia ser mais intrigante: «Não devemos pensar demasiado no que é ou pode ser “novo”, até porque há muita música “velha” em que vale a pena mergulharmos. Quando se toca o que nos vai cá dentro, é sempre possível sermos puros e fazermos algo de inédito.»

Trocando por miúdos: dizer se algo é jazz, aceitando o desafio proposto pela série de concertos em que este se insere, não pode ser certificado com um “sim” ou um “não”. As *nuances* são numerosas e as contradições também, ou não fosse a música uma atividade humana, reflexo

das nossas sublimes incoerências. É jazz e não é jazz, é jazz não o sendo, não é jazz sendo-o. O interesse de algo como estes LSB, para além do atrativo de ouvir, vendo, três virtuosos, reside nessa enorme particularidade. Como referiu o físico dinamarquês Niels Bohr: «Que bom foi termos encontrado um paradoxo. Agora temos a esperança de progredir.»

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista online *jazz.pt*

Fredrik Ljungkvist

saxofone tenor e clarinete

Nascido em Kristinehamn, na Suécia, em 1969, filho de pai saxofonista e mãe cantora, fez os seus estudos no Conservatório Real de Música de Estocolmo. Começou por integrar a Fredrik Norén Band, o Lina Nyberg Group e a Per “Texas” Johansson Band, mas logo em 1993 formou o Fredrik Ljungkvist Quartet. Gravou dois discos com este, *Falling Papers* em 1995 e *Sonic Space* em 1997. No ano 2000 fez-se notado pela composição de uma peça de 30 minutos para um projeto orquestral colaborativo entre músicos suecos e norte-americanos, o Pipeline, e no ano seguinte recebeu o Jazz Kannan, prémio concedido pela Sociedade Sueca do Jazz. Depois veio uma série de participações, ora nos saxofones tenor e barítono, ora tocando clarinete, em discos de múltiplas orientações, com nomes como Anders Jormin, Mats Gustafsson, John Taylor, Marc Ducret, Bobo Stenson e Axel Dorner. É membro da Territory Band de Ken Vandermark e do grupo norueguês Atomic, que esteve na Culturgest em fevereiro de 2012.

Johan Berthling

contrabaixo

Nasceu no ano de 1973 em Estocolmo, tendo feito a sua formação no Conservatório Real desta cidade. Fundou, com o seu irmão Andreas e com Tomas Hallonsten, um dos mais importantes grupos da pop escandinava, Tapes, conhecido por cruzar uma sono-

ridade acústica algo próxima da folk com processamentos eletrônicos. Em simultâneo, vem desenvolvendo trabalho nas áreas do jazz criativo, da música livremente improvisada e do rock alternativo, seja em contrabaixo como em baixo elétrico. É membro dos Fire! e da Fire! Orchestra de Mats Gustafsson, tem um projeto em trio com o saxofonista japonês Akira Sakata e com o baterista Paal Nilssen-Love e outro em duo com o guitarrista Oren Ambarchi. Participa ainda no Sten Sandell Trio, nos Animes de David Stackenas, no Christer Bothén Acoustic Ensemble e nos Angles de Martin Kuchen. É um dos responsáveis, com Klas Augustsson, da editora discográfica Hapna, conhecida pelo seu catálogo de pop experimental.

Raymond Strid bateria

É natural de Estocolmo, onde nasceu em 1956. Autodidata da bateria, que começou a tocar já muito tarde na sua vida, iniciou a atividade musical como extensão do seu interesse pelo som e pela audição da sua vasta coleção de discos. Foi, em 1988, um dos fundadores do trio Gush, com Mats Gustafsson e Sten Sandell, e a partir de então tem-se desdobrado em intervenções num grande número de bandas, como The Electrics, com Axel Dorner, Barry Guy New Orchestra, Trespass Trio e projetos com Marilyn Crispell, Sven-Ake Johansson, Michael Zerang, Ken Vandermark, Anders Jormin, François Houle e Joelle Léandre, entre outros. O seu estilo incorpora processos e

elementos tanto do *free jazz* como da música improvisada. Em paralelo, é professor de estética e metodologia da improvisação.

Próximo espetáculo

Eneida Marta

Nha Sunhu

Música Sex 29 de maio

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M6

Voz Eneida Marta Baixo Luciano Vasconcelos,
José Debray Bateria e percussão Marcos Alves
Corá Ibrahima Galissa Piano Olivio Daniel

Eneida Marta nasceu em Bissau, pouco antes da independência do seu país, numa família de fortes inclinações artísticas. Cantou desde menina. Veio para Lisboa e a partir daí começou a construir, sem pressas, uma sólida carreira internacional. O seu segundo CD, *Amari*, saído em 2002, chamou a atenção da americana Putumayo, célebre por editar coletâneas de músicas do mundo, que nesse mesmo ano incluiu Eneida na compilação *An Afro-Portuguese Odissey*. Trabalhando com outros artistas, fazendo numerosos concertos em circunstâncias muito diversas, participando em várias compilações, editando discos, foi construindo uma carreira que já lhe valeu um primeiro lugar num concurso de World Music e ser selecionada pela Womex, em 2008,



© Filipe Henriques

para se apresentar em *showcase* perante três mil delegados, de que resultou uma aplaudida digressão internacional.

O seu mais recente CD, o quinto da sua discografia como autora, *Nha Sunhu*, está na base deste concerto. “Eu tinha o sonho de produzir um trabalho meu, queria experimentar algumas ideias que fui solidificando ao longo dos anos. Este álbum é o resultado disso, dessa sede de independência”. Os textos que canta resultam de uma seleção de trabalhos de alguns dos mais destacados poetas guineenses, com uma exceção, *Nha Príncipe*, que ela própria escreveu.

Eneida Marta é uma artista especial, como é uma pessoa especial. O álbum é magnífico, o timbre singular da sua voz equilibra lamento e esperança numa única palavra. As suas interpretações são profundas, maduras, vividas, emocionam quem as ouve. Um excelente concerto que não deve perder.

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Amaral

Madalena Costa

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt